

Encontro “Primeiros anos a nossa prioridade” | 17 de Setembro de 2021

### **Resumo do Painel Tempo de Brincar, Cuidar e Educar**

No Painel que fechou o Encontro “Primeiros anos a nossa prioridade”, coube-nos o privilégio de abraçarmos e iluminarmos o fundamental **Tempo de Brincar, Cuidar e Educar**.

Demos início à nossa reflexão partilhada lembrando as palavras do Professor Gomes-Pedro no início da manhã “Pertencer é estar em alguém; estar em alguém é completamente distinto de estar com alguém.”. Este sentido de pertença maior foi esteira para a linha condutora com que recordámos as intervenções de todos, de cada um, no âmbito do Encontro.

O apelo inicial do nosso Painel centrou-se na importância da relação e interação para o bem-estar e desenvolvimento de crianças dos 0 aos 3 anos, e na valorização do Tempo. Partilhámos então as palavras de Tolentino de Mendonça “Que fazemos nós do tempo? Só com tempo descobrimos tanto o sentido e a relevância da nossa marcha ao lado dos outros, como o da nossa própria caminhada interior. Sem tempo tornamo-nos desconhecidos. Sem tempo falamos, mas não escutamos.” Focamo-nos na imagem do Encontro e perguntámo-nos: “o que verá a criança que com as suas mãos constrói lentes que coloca em redor dos seus olhos e com que perscruta o mundo? O que vê e sente quando observa o mundo em seu redor?”

Foi neste abraço de reflexão, tempo e escuta que as intervenções do painel se realizaram, previamente tecidas num guião co-construído por moderadora e oradores, buscando potenciar a singularidade da contribuição de cada um e, simultaneamente, buscar a complementaridade do contributo de todos com que tanto desejamos ir ao encontro da dupla finalidade do Encontro: “1. Disseminar conhecimento na sociedade portuguesa, para aumentar a consciencialização sobre a importância dos primeiros anos de vida e 2. Ser(mos) um palco de onde emergem propostas de próximos passos a dar por Portugal, no sentido de uma visão partilhada e do traçar de um roteiro de ação que acelere o passo no apoio às crianças e famílias, garantindo um bom começo de vida, a todos!”

Alexandra Marques, Diretora de Educação na Fundação Aga Khan Portugal, deu início a este percurso com uma comunicação que centrou em três desafios, abraçados por uma “visão ecossistémica e de interdependência entre as dimensões física, psicológica, sociocultural, espiritual”. Transcrevemos o Resumo que escreveu e que tão bem traduz o caminho de reflexão crítica que nos convidou a trilhar:

“No quadro do Encontro e dos objetivos da *Campanha Primeiros Anos, a Nossa Prioridade* reconheço neste painel a oportunidade de coletivamente trazer para a reflexão, a partir de prismas distintos, mas comungando de princípios e valores inalienáveis, o direito da criança ao brincar e à qualidade de vida entendidos ambos como direitos humanos. É desta visão ecossistémica e de interdependência entre as dimensões física, psicológica, sociocultural, espiritual que parto trazendo alguns aspetos conexos com o *Tempo para brincar, cuidar e educar* a partir de três desafios.

~~BIG MEETING~~  
**Os Primeiros  
Anos Contam!**  
*e agora!*

Como construir as bases para crescer e aprender numa ética do cuidado.

Brincar, é uma qualidade ou uma arte que se desenvolve cedo na vida a partir das interações espontâneas entre os bebés e os seus cuidadores preferenciais e que diz respeito à predisposição natural que temos para nos ligarmos aos objetos, às coisas do mundo, para nos deixarmos tocar por elas, para as explorarmos, para as transformarmos e nos transformarmos com elas.

É com os pais e com os cuidadores mais diretos que os bebés fundam a sua capacidade para brincar e para se relacionarem e isto acontece quando têm acesso a ambientes seguros e estimulantes e a parceiros de brincadeira que estejam acessíveis e disponíveis, de uma forma contínua e previsível no seu dia a dia.

Isto significa que não basta aos pais/educadores estarem no mesmo espaço que a criança - é preciso que estejam disponíveis para se envolverem com ela, para interagir à volta das rotinas do dia a dia; para lhe prestarem atenção, descodificarem os seus interesses e necessidades e responderem em conformidade; para conversar, para olhar, para tocar, para improvisar, para legendar a experiência da criança.

Nestas interações lúdicas, o cérebro dos adultos está sintonizado com o cérebro dos bebés e partilham um foco, que pode ser um objeto, um aspeto da ação, um tema. Através do seu comportamento os cuidadores/educadores dão suporte e orientam o comportamento da criança num dado momento e ajudam-na a regular os seus estados emocionais. Podem desafiá-la, complexificar a tarefa de brincar e confortá-la na mesma medida, se necessário. Fazem perguntas, sugestões, emitem opiniões, etc.

*É a brincar que as crianças aprendem a aprender, estabelecem as bases da sua capacidade de aprendizagem. Brincar é fundamental para o neuro desenvolvimento. (Andreia Furtado)*

Como pensar o espaço privado e público com qualidade para a exploração e brincadeira, promotores de oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem, contribuindo para o bem-estar de crianças, famílias e comunidade.

A organização dos espaços e materiais olhada com a ambição de os tornar saudáveis, equitativos e sustentáveis exigirá assegurar que sejam espaços acessíveis; agradáveis e bonitos; e finalmente, espaços de encontro e diversidade.

Trago este desafio para reflexão, em particular sobre a qualidade dos espaços para as crianças e suas famílias em respostas de educação e cuidado e em equipamentos públicos.

Como melhorar a qualidade de vida das crianças por via da vivência plena da parentalidade a partir da unicidade do indivíduo, mas numa atitude pluralista que a sociedade contemporânea exige.

A diversidade na sociedade é um fato universal; como as sociedades respondem à diversidade é uma escolha. O pluralismo é uma resposta positiva à diversidade. O pluralismo envolve a tomada de decisões e ações individuais e coletivas que exigem políticas públicas justas, sustentáveis.

*Vivemos um momento histórico de urgência do pluralismo. Sociedades em todo o mundo são desafiadas a abordar questões de injustiça, desigualdade e exclusão. Quando as sociedades se comprometem a tornarem-se mais justas, pacíficas e prósperas, respeitando a diversidade e abordando a desigualdade sistémica, os impactos podem ser transformadores. Quando a dignidade de cada indivíduo é reconhecida, todos sentem que pertencem. Estaremos todos em melhor situação nas próximas gerações. (Adrienne Clarkson)*

~~BIG MEETING~~  
**Os Primeiros  
Anos Contam!**  
*e agora!*

Os grandes desafios sociais da globalização, dos movimentos migratórios, da demografia, com crescente ocupação da urbe e desertificação do meio rural surge-me como crítico trazer a diversidade das culturas infantis do brincar para a discussão que hoje nos junta. Socorro-me para isso da tipologia proposta por Mouritzen (1998): cultura produzida por adultos para crianças (literatura infantil, teatro, música, jogos, publicidade...), ou seja, as produções culturais e a indústria cultural; cultura com crianças, na qual adultos e crianças fazem juntos uso de vários recursos e tecnologias; cultura infantil, cultura lúdica, que a criança produz com os seus pares. A discussão em torno destes desafios convida-nos a pensar no *Tempo de Brincar, Cuidar e Educar* no exercício da parentalidade e na organização de respostas de suporte à parentalidade. Nesta matéria, a AKF tem vindo a propor um diálogo entre educação e saúde que assenta no reconhecimento da variabilidade de estilos educativos existentes e da sua permeabilidade à cultura dos diferentes ambientes de socialização.

Acreditamos que este é um investimento que urge fazer porque:

1. Salvaguarda o direito à identidade, na medida em que não é esperado que os pais transformem os seus valores ou crenças a respeito da educação e cuidado às crianças, mas antes que interajam – de forma direta e intersubjetiva - e integrem novas perspetivas no seu quadro de referências, que a atualidade da relação de parentalidade com a criança exige.
2. Viabiliza a construção de novas utopias, partilhadas pelo respeito mútuo, reconhecimento do direito à diferença e à identidade.

Acreditamos que a utopia fundada no diálogo pluralista *poderá ser um espaço, numa determinada temporalidade onde pessoas, histórias, culturas, experiências e saberes se encontram, se (re)conhecem na sua diversidade e estabelecem diálogos, que são também eles lugares, porque ampliam a nossa visão de mundo* (Andreia Furtado).”

Alexandra Marques, 17 de setembro de 2021

Após este inspirador começo, cada membro do painel trouxe a sua particular contribuição que foi engrandecendo a partilha de conhecimentos, propostas, projectos partilhados.

Começámos com Carlos Neto, Professor Catedrático na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade de Lisboa (UL), defensor maior da importância do Brincar; como afirmámos, a “brincadeira está em si” e não, somente, consigo – é uma sua luta maior partilhá-la - de modo fundamentado, crítico e entusiasta - com todos nós.

Da sua intervenção, assente na sabedoria com que a partilha, destacamos: o sublinhar primeiro das “duas intervenções sábias” do início da manhã – de João Gomes-Pedro e Armando Leandro – dos temas que foram abordados sobre Saúde e Intervenção Precoce, as questões do neurodesenvolvimento, da vinculação e da parentalidade; a questão da pobreza, desigualdades e violência, e os benefícios da intervenção nos primeiros 6 anos. Sublinhou, então, a relevância dos primeiros 1000 dias de vida e como, do ponto de vista das políticas públicas, devíamos tê-lo em conta em todas as recomendações internacionais, nacionais, regionais e locais pois são a base essencial para todo o resto da nossa existência. Citando João dos Santos, afirmou que “até

# Os Primeiros Anos Contam! e agora!

aos 6 anos aprende-se tudo; depois, treina-se o que já se conhece”. Partindo da comunicação de Alexandra Marques, reforça que:

- nos primeiros 1000 dias de vida há duas dinâmicas complementares que é preciso perceber: as crianças precisam, assim que nascem, de proximidade e contacto tradutores de segurança, afeto, alimento e colo – esse contacto é absolutamente estruturante do ponto de vista emocional, afetivo, cognitivo, e também social; como sublinhou, mesmo antes do nascimento já podemos observar uma beleza enorme de movimentos no desenvolvimento intrauterino e há muita investigação científica sobre esta matéria; mas...

- para além dessa proximidade, reforçou que é absolutamente necessário que os progenitores tenham a capacidade de dar distanciamento. Sendo fundamental que aconteça, é algo frequentemente esquecido no nosso tempo e “quem protege demais, desprotege... porque distanciar é dar autonomia, é permitir que a criança descubra por si própria aquilo que o mundo lhe oferece”. Carlos Neto firma que a criança é *espacialista* – quer aprender o que está dentro de si mas também o que está fora, no exterior, aquilo que é o seu ambiente mais próximo e mais distante – e que isso é essencial em termos de aprendizagem.

Por imperativo da sua consciência académica e profissional, chama então a atenção para a importância do movimento, do corpo em movimento, do ser ativo, do brincar – “brincar é ser ativo”, como se pode observar em todos os animais e todos os seres humanos. O ser humano tem a infância mais longa - precisa de uma aquisição progressiva em termos de desenvolvimento para ganhar maturidade cognitiva, emocional, social e motora. Chama-nos a atenção para algo absolutamente notável - como em 12 meses uma criança se põe de pé! Fala-nos do seu receio das crianças superprotegidas, muito quietas, e de como corpos ativos geram cérebros ativos através de sentimentos e emoções, destacando o trabalho de António Damásio. Como afirmou “O corpo em movimento é o arquiteto do cérebro; das relações que se estabelecem com os objetos e com os outros.”

Sublinha, então, categorias descritas na literatura como essenciais: em primeiro lugar, o jogo simbólico, o faz-de-conta, o pretend-play, em que a criança tem narrativas simbólicas poderosas; destaca que brincar é suspender-se, ausentar-se para depois voltar à realidade; é colocar o seu corpo em situação de risco, porque tem necessidade de se compreender. Partilhando as extraordinárias conquistas motoras da criança até ao momento em que se coloca de pé, conseguindo a sua autonomia a par da linguagem, a par da comunicação verbal e não verbal, Carlos Neto reforça que todas estas linguagens vão concorrer para ter uma maturidade progressiva de compreensão do mundo.

Esta noção de desenvolvimento é fundamental, acrescenta, chamando a atenção para que ainda sofremos de uma ausência de compreensão do desenvolvimento de forma ecológica, persistindo numa abordagem cartesiana, “de corpo para um lado e cérebro para o outro” – como defende, o corpo é só um e compreender o corpo a brincar é também compreender o corpo físico. O jogo de atividade física é um dos mais importantes pontos de reflexão nos tempos modernos – por diversos motivos, alerta, as crianças estão cheias de aprisionamentos. Focou que durante o dia, no Encontro, se deu, e com toda a pertinência, um relevo especial preocupante às questões da pobreza, do abuso, da violência, da fome, de situações de guerra, que sabemos ter no brincar um impacto drástico, com graves consequências ao nível do desenvolvimento do cérebro pré-frontal. No entanto, acrescentou, é importante dar também

# Os Primeiros Anos Contam! *e agora!*

enfoque a outra pobreza, a outra violência invisível que ocorre em todas as sociedades mais desenvolvidas, no caso também de Portugal: a situação das crianças que têm um quotidiano extremamente aprisionado. Chamando a atenção para a Convenção dos Direitos da Criança, elegeram os artigos 31º e 12º, o Direito a brincar e à participação, que não podem ser esquecidos. Elencou, então, eixos fundados na sua experiência académica, de vida e profissional, que exigem grande atenção: a taxa de sedentarismo europeia – que Portugal encabeça: crianças com excesso de peso, obesas, com diabetes. para além das desordens emocionais, de hiperatividade, desordens de atenção; a iliteracia motora e lúdica muito significativa que observamos – crianças que aos 6 anos não sabem correr, atar os sapatos. Reflete, então, que esta situação é transversal a todos os contextos socio económicos. Defende que o espaço social tem de ser justo para todos e chama a atenção para que temos uma sociedade adversa ao risco: “uma criança saudável é aquela que tem os joelhos esfolados!”. Convoca-nos para perspetivar o direito ao brincar como uma oportunidade de ter tempo, de ter espaço de qualidade para crianças e pais. Como afirmou “as crianças passam 50 horas por semana numa Escola a tempo inteiro, com currículos intensos e extensos, com espaços exteriores vergonhosos”. Focou a importância de políticas públicas para: - defender o direito a espaço exterior de qualidade, nas escolas, nas comunidades, na rua; - do tempo dos pais para estarem com as crianças, salientando que é preciso pensar em políticas laborais para que os pais tenham tempo para estar com os filhos.

Focou a aversão ao risco, chamando a atenção para que há pais que não estão preocupados com o risco digital, com o número de horas que criança passa em frente aos ecrãs com o corpo sentado, e reforçou que, relativamente à superproteção parental, temos de desconstruir medos, resgatar a memória dos pais sobre a sua infância que, tantas vezes, está apagada. Reforçou a necessidade de falar sobre a relevância do pensamento lúdico - do tempo e espaço dentro de casa, fora de casa, na rua, na escola... - e também sobre o deficit de contacto com a natureza, quando o betão rompe a paisagem verde. Como sublinhou “Tornamo-nos sedentários... o equipamento obrigatório em cada escola até aos 10 anos deveria ser um Kispo e umas galochas!”

Terminou a sua intervenção salientando a relevância de políticas públicas que defendam o tempo e espaço para brincar; a relevância de termos pais disponíveis; escolas, famílias e cidades ativas; políticas públicas que permitam às crianças ser livres, ativas, podendo participar e brincar livremente no seu quotidiano.

O apelo seguinte foi, então, dirigido a Joana Cadima, Professora Auxiliar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e investigadora no Centro de Psicologia da mesma Universidade, solicitando que destacasse os tão relevantes eixos de qualidade que a investigação sustenta, no sentido da ação, participação e autonomia, cada vez mais plena, das crianças e suas famílias.

Reforçando os pontos fundamentais das comunicações anteriores, sustentou a sua comunicação em três eixos essenciais para iluminar a nossa discussão e reflexão conjuntas, eixos estes que têm sido discutidos e que têm recebido maior consenso por parte da literatura em psicologia e em educação, muito assentes em estudos observacionais em contexto de creche e na sua especificidade dos serviços dos 0 aos 3 anos.

# Os Primeiros Anos Contam! *e agora!*

1) Em primeiro lugar, apesar da diversidade (e também riqueza) de abordagens e conceptualizações acerca do tipo de experiências importantes de providenciar às crianças, um aspeto que reúne consenso é **a crucialidade das relações responsivas, sensíveis, recíprocas**, que decorrem ao longo do tempo, com adultos de referência, que conhecem bem as crianças e que as crianças conhecem. As relações estão no cerne das práticas pedagógicas, que encorajam a exploração das crianças, oferecendo experiências de brincadeira estimulantes ricas e adultos atentos e sensíveis às contínuas necessidades e interesses das crianças. A investigação mostra que as crianças, incluindo os bebés, desde cedo, têm uma enorme curiosidade pelo mundo social e uma enorme vontade em comunicar. É precisamente no seio de uma relação próxima, recíproca e sensível que o adulto consegue interpretar os sinais do bebé (vocalizações, gestos, olhares) carregados de significados, interesses, desejos, o que reforça a importância das relações, **trazendo uma primeira implicação, um primeiro desafio que se coloca**: se por um lado os modelos pedagógicos, a planificação e um conhecimento profissional aprofundado são muito importantes colocando as relações no centro - ou seja, é importante uma formação inicial aprofundada, a existência de orientações pedagógicas e uma integração de serviços 0-6 que reforce e respeite a continuidade desenvolvimental inerente à aprendizagem e bem-estar das crianças - há que reconhecer, com base nesta perspectiva holística, que as **planificações** e o trabalho antecipado dos educadores terão que ser necessariamente **flexíveis, abertas, de modo a permitir a disponibilidade do adulto em cada momento que interage, no ajuste contínuo das práticas à situação específica, às necessidades e interesses momentâneos das crianças**, o que faz com que se estabeleça uma **interrelação dinâmica** entre as orientações curriculares/planificações e as suas práticas pedagógicas, práticas sensíveis por parte do adulto com um enorme foco nas relações, nas interações com cada criança.

2) o segundo grande aspeto que destaca, relaciona-se com o consenso cada vez mais alargado que **o Cuidar e o Educar, e o Brincar também, estão intrinsecamente inter-relacionados**. Se tradicionalmente havia uma divisão muito clara entre cuidar e educar - que ainda se verifica hoje, nomeadamente na divisão entre jardim de infância e creche, em que os serviços e a forma como estão organizados assentam numa divisão a nível tutelar - hoje em dia a investigação tem demonstrado que cuidar diz não apenas respeito à prestação de cuidados físicos, mas também ao envolvimento ativo e atento do educador, à disponibilidade e ao investimento emocional dos adultos ('caring') que **facilita o ouvir/atender genuinamente à criança, apreciá-la e compreendê-la**. Os momentos de rotina (higiene, refeições) - momentos de cuidados em creche - são tempos privilegiados para interações diádicas sensíveis e responsivas, através das quais os adultos dispõem tempo e dão atenção individualizada às crianças. Destaca, então, um **segundo grande desafio**: os resultados de investigação, internacionais, mas também em Portugal, mostram que os momentos designados como rotinas (higiene, sono, alimentação) - que poderiam ser momentos privilegiados porque acontecem muitas vezes de forma diádica, fundamental para o fortalecer das relações - parecem ser mais desafiantes para os nossos educadores, para estabelecerem interações responsivas e estimulantes atenciosas para cada uma das crianças. Ou seja, comparativamente com outros momentos, como os momentos do brincar, estes tempos parecem trazer desafios adicionais para que o educador esteja disponível e seja responsivo. É importante incorporar o brincar nas rotinas, intencionalizar e valorizar as conversas sociais e **criar condições** para garantir a disponibilidade dos adultos nos momentos



# Os Primeiros Anos Contam! *e agora!*

de rotina. Se, mais uma vez, as orientações pedagógicas de creche e a formação inicial poderão ter aqui um papel crucial na valorização dos momentos de rotina e no reconhecimento da inter-relação cuidar-educar, há que elencar aqui um outro conjunto de aspetos mais estruturais que é necessário referir. Nomeadamente, há muito que a investigação mostra que rácios grandes e o tamanho dos grupos interferem e influenciam a disponibilidade do adulto e a possibilidade de interações ricas e recíprocas mas, mais recentemente, a investigação tem considerado um outro conjunto de fatores que são igualmente importantes: fatores objetivos relacionados com as condições de trabalho, salários, horários, e oportunidades de progressão na carreira em que, infelizmente, há fragmentação e clivagem, há diferenças entre os profissionais em diferentes serviços e, também, aspetos mais subjetivos como o trabalho em equipa, o apoio que os profissionais recebem das coordenações e direções, que tem sido demonstrado como extremamente importante para esta disponibilidade, para estas práticas responsivas por parte dos educadores.

Num último ponto, Joana Cadima sublinhou que, no âmbito desta natureza relacional do desenvolvimento, da mesma forma que é central a relação entre os adultos, os educadores e as crianças há um **3º desafio e implicação**: as **relações com as famílias**; há um núcleo duro de relações que incluem também as relações entre profissionais, os serviços e as famílias ou seja: da mesma forma que o bem-estar das crianças está no centro das práticas e dos serviços, também teremos de incorporar aqui, por um lado, o bem-estar das famílias e, por outro, o dos profissionais, dado o seu papel crucial na qualidade das interações.

Depois desta síntese fundamental, alicerçada na investigação, sobre os três eixos fundamentais para a qualidade de resposta a crianças dos 0 aos 3 anos, tomou a palavra Eulália Alexandre, Subdiretora-Geral da Direção-Geral da Educação (DGE) do Ministério da Educação, sublinhando o trabalho em rede que tem sido realizado entre a DGE e os representantes das diversas organizações e instituições presentes neste painel, pois, como afirmou “só com uma força conjunta pode haver mudança”. Transcrevemos o Resumo da sua intervenção em que traduz e destaca vários pontos-chave desta ação conjunta, iluminando as palavras fundamentais deste painel – Brincar, Educar e Cuidar:

“O Ministério da Educação, através das OCEPE reconhece a importância do brincar como uma atividade rica e estimulante e que promove o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. As OCEPE, documento de referência para a ação educativa na educação pré-escolar, elegem o brincar como uma área prioritária para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Consideram ainda que brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender. Brincar é um meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais em todas as áreas do desenvolvimento e da aprendizagem.

A continuidade entre brincar e aprender articula-se com o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, que lhe garante o direito de ser escutada nas decisões relativas à sua aprendizagem e de participar no desenvolvimento do currículo. Na educação pré-escolar, as crianças participam na planificação e são escutadas e valorizadas as suas opiniões nas decisões.

~~BIG MEETING~~  
**Os Primeiros  
Anos Contam!**  
*e agora!*

No âmbito da educação de infância, a Direção-Geral da Educação está representada em várias organizações internacionais, nomeadamente na *Rede da OCDE “Network on Early Childhood Education and Care*, na *Rede Ibero-americana de Administrações Públicas para a Primeira Infância* da OEI, no Grupo de Trabalho da Comissão Europeia sobre educação de infância (de 2018-2020), e vai também integrar a nova geração de grupos de trabalho da Comissão Europeia. Tendo em vista a qualidade da educação pré-escolar, e de acordo com o levantamento das necessidades sentidas pelos educadores de infância, o Ministério da Educação tem vindo a elaborar materiais/recursos de apoio às práticas pedagógicas. Recentemente foram editadas duas publicações, [Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar](#) e [Participação e envolvimento das famílias - construção de parcerias em contextos de educação de infância](#), disponíveis na página da DGE. Numa parceria com a APEI irão ser editados outros materiais para operacionalização das OCEPE.”

Como sublinhou, a chave está na Qualidade e na reflexividade que juntos podemos desenvolver a partir dos múltiplos desafios quotidianos e das ferramentas que temos à nossa disposição para os enfrentarmos, em equipa e cada um/ uma nos espaços de ação em educação de Infância. Partilhou então um eixo fundamental para a concretização de respostas com qualidade para os primeiros anos de vida – a articulação entre os Ministérios da Educação e Segurança Social. Como sublinhou, “a educação de infância é da responsabilidade de dois Ministérios, no entanto, é assumido que há uma unidade em toda a pedagogia para a infância (0-6 anos) e que o trabalho profissional tem fundamentos comuns, devendo ser orientado pelos mesmos princípios educativos. É nesta perspetiva que o Ministério da Educação vai dar início a um trabalho de parceria com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, tendo em vista a conceção de orientações pedagógicas para a educação das crianças dos 0-3 anos.”

Terminou dando testemunho da voz de uma criança que, nessa mesma manhã, quando questionada sobre a classificação que daria a um Encontro realizado sobre igualdade de género – em que participaram 200 crianças – lhe atribuiu, numa escala de 1 a 5 atribuiu... 8 milhões! Esta avaliação maior é a metáfora para a esperança que coloca/que colocamos no caminho que trilhamos rumo ao bem-estar e desenvolvimento de todas as crianças e suas famílias!

Tomou então a palavra Luís Ribeiro, Presidente da Associação de Profissionais de Educação de Infância - APEI, realçando a força da iniciativa “Primeiros Anos a nossa Prioridade” e partilhando a dinâmica de desenvolvimento profissional que a APEI promove (e que integra/integrou ativamente os elementos deste painel!) na busca contínua em ligar investigação e formação numa sinergia intencional e atempada para reforçar a intencionalidade fundamentada das práticas educativas.

Na sequência da intervenção de Eulália Alexandre, partilha o trabalho da APEI, nomeadamente desde 2016, começando por referir que os profissionais que trabalham com crianças entre os 0 e os 3 anos estão desprotegidos, explicitando que, enquanto a Educação Pré-escolar está instituída na Lei de Bases do Sistema Educativo, a faixa etária dos 0-3 anos ainda não foi incluída no sistema educativo.



**BIG MEETING**  
**Os Primeiros  
Anos Contam!**  
*e agora!*

Neste contexto, a APEI tem desenvolvido ações sistemáticas para apoiar o desenvolvimento dos profissionais que trabalham com as crianças entre os 0 e os 3 anos. Destacou, como primeira iniciativa, os Encontros Ser Bebê que, desde logo, procuraram trazer a investigação desenvolvida no ensino superior aos contextos e ação pedagógica dos profissionais, ao seu quotidiano; esta interface criada pela APEI permitiu, com muito sucesso, que se estabelecessem relações de proximidade com as instituições de ensino superior que desenvolvem a sua ação em Educação de Infância. Outra iniciativa da APEI, em que houve um grande investimento, foi a da formação contínua centrada nos 0-3 anos, escassa para profissionais que trabalham com esta faixa etária. Por ano, são lançadas cerca de 200 ações de formação, tendo a pandemia e a formação à distância trazido consigo oportunidades acrescidas de acesso desta formação aos profissionais de todas as zonas do país, democratizando-a.

Para finalizar, e dando sequência à última parte da intervenção de Eulália Alexandre, Luís Ribeiro sublinha a relevância de as Orientações Pedagógicas para os 0 - 3anos avançarem e recoloca a questão fundamental a resolver – o da integração desta faixa etária na Lei de Bases do Sistema Educativo. Neste contexto, esclarece que foi lançada uma petição solicitando a inclusão da educação dos 0 – 3 anos no sistema educativo, “através da alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo, passando a educação pré-escolar a designar-se como educação de infância e destinando-se a todas as crianças desde o seu nascimento até à idade de ingresso no ensino básico, independentemente das entidades responsáveis pela sua promoção.”

Esta Petição foi apresentada à Assembleia da República este ano. Sublinha que, no tempo presente, todos os partidos políticos propõem ações concretas para os 0-3 anos na sua ação e que com as reuniões que fizeram, quer com os diferentes partidos políticos quer com a Comissão de Educação, onde a petição foi apresentada, foi muito interessante verificar que há um alinhamento sobre a importância que todos dão aos 0-3anos e, nomeadamente, à educação nos 0-3anos. Neste âmbito há aspetos fundamentais que destaca: o facto de a formação/qualificação inicial dos nossos/as Educadores/as de Infância ser uma das mais avançadas do mundo - a profissionalização só é possível com a realização do Mestrado em Educação Pré-Escolar, exigência esta só é partilhada na Europa com a Islândia; a existência da obrigatoriedade de termos Educadores/as de Infância em Creche, com exceção do Berçário, por imposição legal, e temos um quadro que define o Perfil do Educador de Infância desde 2002.

Destaca, em seguida, que temos uma situação legal em que a Administração Pública, o Estado, não assume os 0-3 anos como Educação, frisando que do seu ponto de vista, esta situação constitui uma violação da Constituição que afirma expressamente que todos os cidadãos têm direito à Educação, incluindo, naturalmente, as crianças dos 0 aos 3 anos, a que se junta a ratificação da Convenção dos Direitos da Criança há mais de 30 anos; salienta a situação paradoxal da obrigatoriedade de termos Educadores de Infância em Creche que, trabalhando com esta faixa etária, têm um reconhecimento de carreira distinto dos Educadores que trabalham com crianças a partir dos 3 anos. A APEI propõe que para além da discussão da Petição em Assembleia da República exista uma política educativa para os 0-6anos, garantindo uma tutela pedagógica a todos os profissionais.

Para concluir, sublinhou que apesar de falarmos sobretudo na resposta creche, esta resposta institucional não responde à diversidade do país. Para termos resposta em todas as zonas do país a crianças dos 0-3anos e suas famílias necessitamos de alternativas que precisam de ser

## Os Primeiros Anos Contam! *e agora!*

encontradas com base em iniciativas locais, com as autarquias, de geometria variável. Em pequenas localidades, comunidades, existe a necessidade de encontrar outro tipo de respostas pois o modelo institucional Creche pode revelar-se insustentável. Esta é uma decisão política que, dentro do quadro atual, tem possibilidade de recorrer a um importante apoio financeiro – lembra, neste contexto, que, no Plano de Recuperação e Resiliência, existem cerca 600 milhões de Euros para as respostas sociais dos 0-3anos que devem ser aplicados considerando todas as dimensões do bem-estar e desenvolvimento das crianças, na convicção de que em Educação de Infância uma resposta social é também uma resposta educativa.

Alexandra Marques tomou então a palavra para sublinhar duas ideias chave: é fundamental termos dispositivos de monitorização e avaliação para que encontremos as respostas que funcionam e para que lhes possamos dar a geometria variável referida. Reforça que a dimensão educativa e socioeducativa está nas creches, pela ação educadores de infância, mas que a questão da diferenciação na carreira é fundamental ser observada. Salienta a desproteção dos auxiliares de ação educativa e o papel fundamental que têm na sustentação da qualidade nos ambientes socioeducativos – nomeadamente, no diálogo com as famílias e suporte à parentalidade - em interação com os educadores de infância, não retirando a especificidade do papel de cada um. Será fundamental apoiar a sua formação para potenciar a qualidade da ação educativa.

Sublinha também que nesta diversidade de respostas há uma rede de amas que precisa de ser qualificada, e que há modelos e metodologias que já provaram ser eficazes, incluindo os modelos de creches familiares; realça também a experiência dos grupos Aprender, Brincar, Crescer, uma resposta educativa não formal pilotada, validada e a importância de tirarmos partido daquilo que já existe, de tudo o que está à nossa disposição, tendo em conta o papel ativo e responsável da sociedade civil, valorizando a díade criança cuidador no espaço do Brincar.

Concluimos, então, com as palavras do poeta Rainer Maria Rilke, escritas há aproximadamente cem anos, onde nos deixa um apelo tão exigente quanto desafiante:

"Fuja dos grandes assuntos e aproveite aqueles que o dia-a-dia lhe oferece. Fale das suas tristezas e dos seus desejos, dos pensamentos que o tocam, da sua fé na beleza. Diga tudo com sinceridade calma e humilde. Utilize, para se exprimir, os objetos que o rodeiam, as imagens dos seus sonhos, as suas lembranças. Se o quotidiano lhe parece pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser muito poeta para extrair as suas riquezas."

Terminamos o painel desejando, profundamente, que cada um e todos em rede, sejamos capazes de, e citando a segunda finalidade deste Encontro, "Ser(mos) um palco de onde emergem propostas de próximos passos a dar por Portugal, no sentido de uma visão partilhada e do traçar de um roteiro de ação que acelere o passo no apoio às crianças e famílias, garantindo um bom começo de vida, a todos!"

Relatora: Ana Teresa Brito, moderadora do Painel

